

Gêneros Textuais: Narração

Na aula de hoje, lembraremos as principais características do texto narrativo – estudados por você nas aulas de Literatura. Às referências teóricas, associam-se exercícios de fixação do conteúdo.

Nas aulas, vimos que o gênero narrativo é trabalhado a partir de cinco elementos: enredo, personagens, narrador, espaço e tempo. O enredo, por sua vez, apresenta “partes” em uma narrativa clássica – a apresentação (ou equilíbrio inicial), a complicação, o desenvolvimento, o clímax e o desfecho.

Embora seja relativamente recente na história da Literatura e tardiamente cultivado no Brasil, o gênero narrativo, representado basicamente pelo que se chama de prosa de ficção, é o que mais cresce hoje em todo o mundo.

A análise de cada um desses elementos constituintes da narrativa é fundamental para o vestibular e, por isso, será o nosso próximo assunto.

Procure reconhecer cada uma dessas partes, com o auxílio de seu professor, nos textos que seguem.

Textos para análise

Conto carioca

O rapaz vinha passando num Cadillac novo pela avenida Atlântica. Vinha despreocupado, assoviando um *blue*, os olhos esquecidos no asfalto em retração. A noite era longa, alta e esférica, cheia de uma paz talvez macabra, mas o rapaz nada sentia. Ganhara o bastante na roleta para resolver a despesa do cassino, o que lhe dava essa sensação de comando do homem que paga: porque tratava-se de um “duro”, e o automóvel era o carro paterno, obtido depois de uma promessa de fazer força nos estudos. O *show* estivera agradável e ele flertara com quase todas as mulheres da sua mesa. A lua imobilizava-se no céu, imparticipante, clareando a cabeleira das ondas que rugiam, mas como que em silêncio.

De súbito, em frente ao Lido, uma mulher sentada num banco. Uma mulher de branco, o rosto envolto num véu branco, e tão elegante e bonita, meu Deus, que parecia também, em sua claridade, um luar dormente. O freio de pé agiu quase automaticamente e a borracha deslizou, levando o carro maneiroso até o meio-fio, onde estacou num rincho ousado. Depois ele deu ré, até junto da dama branca.

— Sozinha a essas horas?

Ela não respondeu. Limitou-se a olhar serenamente o rapaz do Cadillac, com seu olhar extraordinariamente fluido, enquanto o vento sul agitava-lhe docemente os cabelos cor de cinza.

— Sabe que é muito perigoso ficar aqui até estas horas, uma mulher tão bonita?

A voz veio de longe, uma voz branca, branca como a mulher, e ao mesmo tempo crestada por um ligeiro sotaque nórdico:

— Perdi a condução... Não sei... é tão difícil arranjar condução...

O rapaz examinou-a já com olhos de cobiça. Que criatura fascinante! Tão branca... Devia ser uma coisa branca, um mar de leite, um amor pálido. Suas pernas tinham uma alvura de marfim e suas mãos pareciam porcelanas brancas.

Veio-lhe uma sensação estranha, um arrepio percorreu-lhe todo o corpo e ele se sentiu entregar a um sono triste, onde a volúpia cantava baixinho. Teve um gesto para ela:

— Vem... Eu levo você...

Ela foi. Abriu a porta do carro e sentou-se a seu lado. Fosse porque a madrugada avançasse, a noite se fizera mais fria e, ao te-la aconchegada – talvez emoção – o rapaz tiritou. Seus braços eram frios como o mármore e sua boca gelada como o éter. Vinha dela um suave perfume de flores que o levou para longe. Ela se deixou, passiva, em seus braços, entregue a um mundo de beijos mansos.

Quando a madrugada rompeu, ele acordou do seu letargo amoroso. A moça branca parecia mais branca ainda, e agora olhava o mar, de onde vinha um vento branco. Ele disse:

— Amor, vou levar você agora.

Ela deu-lhe seus olhos quase inexistentes, de tão claros:

— Em Botafogo, por favor.

Tocou o carro. A aventura dera-lhe um delírio de velocidade.

Entrou pelo túnel como um louco e fez, a pedido dela, a curva da General Polidoro num ângulo quase absurdo.

— É aqui – disse ela em voz baixa.

Ele parou. Olhou para ela espantado:

— Por que aqui?

— Eu moro aqui. Venha me ver quando quiser. Muito obrigada por tudo.

E dando-lhe um último longo beijo, frio como o éter, abriu a porta do carro, passou através do portão fechado do cemitério e desapareceu.

O suor e a lágrima

Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o vôo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.

Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.

O engraxate era gordo e estava com calor — o que me pareceu óbvio. Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti. Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.

Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.

Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo instante o usava para enxugar-se — caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.

E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.

Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias.

Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano, salgado como lágrima.

(Carlos Heitor Cony, *“Figuras do Brasil – 80 autores em 80 anos de Folha”*, p. 319)

1. Como forma de aprofundar e revisar os elementos narrativos, analise essa letra abaixo da música “Domingo no Parque”

O rei da brincadeira - ê, José
O rei da confusão - ê, João
Um trabalhava na feira - ê, José
Outro na construção - ê, João

A semana passada, no fim da semana
João resolveu não brigar
No domingo de tarde saiu apressado
E não foi pra Ribeira jogar
Capoeira
Não foi pra lá pra Ribeira
Foi namorar

O José como sempre no fim da semana
Guardou a barraca e sumiu
Foi fazer no domingo um passeio no parque
Lá perto da Boca do Rio
Foi no parque que ele avistou
Juliana
Foi que ele viu

Juliana na roda com João
Uma rosa e um sorvete na mão
Juliana, seu sonho, uma ilusão
Juliana e o amigo João
O espinho da rosa feriu Zé
E o sorvete gelou seu coração

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, dançando no peito - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

O sorvete e a rosa - ô, José
A rosa e o sorvete - ô, José
Oi, girando na mente - ô, José
Do José brincalhão - ô, José

Juliana girando - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
Oi, na roda gigante - oi, girando
O amigo João - João

O sorvete é morango - é vermelho
Oi, girando, e a rosa - é vermelha
Oi, girando, girando - é vermelha
Oi, girando, girando - olha a faca!

Olha o sangue na mão - ê, José
Juliana no chão - ê, José
Outro corpo caído - ê, José
Seu amigo, João - ê, José

Amanhã não tem feira - ê, José
Não tem mais construção - ê, João
Não tem mais brincadeira - ê, José
Não tem mais confusão - ê, João

2. Nasce um escritor

O primeiro dever passado pelo novo professor de português foi uma descrição tendo o mar como tema. A classe se inspirou, toda ela, nos encapelados mares de Camões, aqueles nunca dantes navegados. Prisioneiro no internato, eu vivia na saudade das praias do Pontal onde conhecera a liberdade e o sonho. O mar de Ilhéus foi o tema de minha descrição.

Padre Cabral levava os deveres para corrigir em sua cela. Na aula seguinte, entre risonho e solene, anunciou a existência de uma vocação autêntica de escritor naquela sala de aula. Pediu

que escutassem com atenção o dever que ia ler. Tinha certeza, afirmou, que o autor daquela página seria no futuro um escritor conhecido. Não regateou elogios. Eu acabara de completar onze anos.

Passei a ser uma personalidade, segundo os cânones do colégio, ao lado dos futebolistas, dos campeões de matemática, dos que obtinham medalhas. Fui admitido numa espécie de Círculo Literário onde brilhavam alunos mais velhos. Nem assim deixei de me sentir prisioneiro. Houve, porém, sensível mudança na limitada vida do aluno interno: o padre Cabral tomou-me sob sua proteção e colocou em minhas mãos livros de sua estante. Primeiro "As Viagens de Gulliver", depois clássicos portugueses, traduções de ficcionistas ingleses e franceses.

Recordo com carinho a figura do jesuíta português, erudito e amável. Menos por me haver anunciado escritor, sobretudo por me haver dado o amor aos livros, por me haver revelado o mundo da criação literária. Ajudou-me a suportar aqueles dois anos de internato, a fazer mais leve a minha prisão, minha primeira prisão.

(Jorge Amado. *O menino Grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 117-120. Adaptado).

Uma análise da forma como o texto está construído nos faz reconhecê-lo como um texto predominantemente:

- descritivo, pelo qual se atribui qualidade aos lugares e às pessoas que compõem a cena.
- expositivo, em que alguns fenômenos são identificados, definidos e exemplificados.
- instrucional, que incita à ação, a um modo de operar; daí a força imperativa dos verbos.
- narrativo, organizado em sequências temporais e com indicação circunstancial de lugar.
- dissertativo, com predominância de um tom crítico e taxativamente persuasivo.

3. Carlos estava homem. Sem que se amedrontasse, assuntou a noite envelhecer. Só reparou no vagar dela. Muito sereno, porém apressado.

Aos poucos se apagaram as ¹bulhas da casa, vinte e três horas. Se irritou com a impaciência chegando, que o fazia ²banzar pelo quarto assim, e lhe dava sensação do prisioneiro que espera o minuto pra fugir. Puxa! Coração aos ³priscos. A calma era exterior. Não. O coração também se fatigou e sentou. Carlos também sentou. Cruzou os braços pra não mexer tanto assim, disposto a esperar com paciência. Tomou o cuidado de pôr o braço esquerdo sobre o outro, que assim o relógio ficava à mostra na munheca.

E os minutos se acabando, ⁴tardonhos. Aliás nem tinha pressa mais, o aproximar da aventura lhe apaziguava as ardências. Resfriado. Qualquer coisa lhe tirava o calor dos dedos... Se lembrou de vestir pijama limpo, fez. Depois pensou. Não tinha propósito trocar de pijama só porque. (...) Vestiu outra vez o pijama usado e se reconciliou consigo, já confiante.

E outra vez se sentou. Olhava a imobilidade dos ponteiros que lhe abririam a porta de ⁵Fräulein. Que o entregariam a Fräulein. Uma comoção doce, quase filial esquentou Carlos novamente. E porque amava sem temor nem pensamento, sem gozo, apenas por instinto e por amor, por gozo, iria se entregar. Está certo. Carlos amava com paixão.

A imobilidade é a sala de espera do sono. Procurou ler e cochilou. Vinte e três e trinta, se ergueu. Caceteação esperar! Também o momento estava estourando por aí, graças a Deus! Sentou na cama. Mais vinte e sete minutos. Vinte e seis... Vinte e cinco... Vinte e.... Nos braços cruzados sobre a guarda da cama, a cabeça dele pousou.

A posição incômoda acordou Carlos. Espreguiçou, empurrando com as mãos a dor do corpo, sentado por quê? Ah! Lembrança viva enxota qualquer sono. Hora e meia! Desejo furioso subiu.

Sem reflexão, sem vergonha da fraqueza, corre pra porta de Fräulein. Fechada! Bate. Bate forte, com risco de acordar os outros, bate até a porta se abrir, entra.

Aqui devem se trocar naturalmente umas primeiras frases de explicação - se ele der espaço para tanto entre os dois! - porém obedeco a várias razões que obrigam-me a não contar a cena do quarto.

¹ sons

² meditar

³ saltos

⁴ lentos

⁵ em alemão, forma de tratamento para "senhorita"

(ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 2002.)

O foco narrativo é um dos elementos que organizam o texto, definindo o ponto de vista de quem conta a história e delimitando a situação narrada por meio de diversas estratégias.

No fragmento apresentado, o narrador não faz uso da seguinte estratégia:

- dirigir-se diretamente ao leitor, comentando os fatos narrados
- expor as próprias ideias, deixando suas percepções na narrativa
- empregar a terceira pessoa, criticando as ações do personagem principal
- mostrar conhecimento das emoções dos personagens, revelando-lhes os pensamentos

4. Berenice não gostava de ir ao cinema, de modo que o pai a levava à força. (...) Por fim, aprendeu a se proteger. Ia ao cinema, sim. Mas antes que o filme começasse, corria ao banheiro, colocava cera nos ouvidos. Voltava ao lugar, e mal as luzes se apagavam cerrava firmemente os olhos, mantendo-os assim durante toda a sessão. O pai, encantado com o filme, de nada se apercebia; tudo o que fazia era perguntar a opinião de Berenice, que respondia, numa voz neutra mas firme:

- Gostei. Gostei muito.

Era de outro filme que estava falando, naturalmente. Um filme que o pai nunca veria.

(Moacyr Scliar. "Filme". In: *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 121-2)

No fragmento,

- a personagem-protagonista, rememorando o passado, conta os hábitos do pai que a forçaram a atitudes de dissimulação.
- o narrador, deixando entrever sua opinião quando diz "naturalmente", relata o que se passava com a menina e o pai.
- o narrador inicia seu relato apresentando ações habituais das personagens e, depois, conta um episódio específico em que os dois estiveram envolvidos.
- em que se misturam a narração e a descrição, surge também trecho dissertativo, resultado do recorte feito pelo narrador para desenvolver ideias sobre a relação entre pai e filha.
- a personagem Berenice é apresentada, inicialmente, pela palavra do narrador, e depois ela é vista diretamente em suas ações, acompanhadas passo a passo pelo leitor.

5. MYSTERIUM

"Eu vi ainda debaixo do sol que a corrida não é para os mais ligeiros, nem a batalha para os mais fortes, nem o pão para os mais sábios, nem as riquezas para os mais inteligentes, mas tudo depende do tempo e do acaso."

Eclesiastes

Ao tempo e ao acaso eu acrescento o grão de imprevisto. E o grão da loucura, a razoável loucura que é infinita na nossa finitude. Vejo minha vida e obra seguindo assim por trilhos paralelos e tão próximos, trilhos que podem se juntar (ou não) lá adiante mas tudo sem explicação, não tem explicação.

Os leitores pedem explicações, são curiosos e fazem perguntas. Respondo. Mas se me estendo nas respostas, acabo por pular de um trilho para outro e começo a misturar a realidade com o imaginário, faço ficção em cima de ficção, ah! Tanta vontade (disfarçada) de seduzir o leitor, esse leitor que gosta do devaneio. Do sonho. Queria estimular sua fantasia mas agora ele está pedindo lucidez, quer a luz da razão.

Não gosto de teorizar porque na teoria acabo por me embrulhar feito um caramelo em papel transparente, me dê um tempo! Eu peço. Quero ficar fria, espera. Espera que estou me aventurando na busca das descobertas, "Devagar já é pressa!", disse Guimarães Rosa. Preciso agora atravessar o ²cipoal dos detalhes e são tantos! E tamanha a minha perplexidade diante do processo criador, Deus! Os indevassáveis signos e símbolos. Ainda assim, avanço em meio da névoa, quero ser clara em meio desse claro que de repente ficou escuro, estou perdida?

Mais perguntas, como nasce um conto? E um romance? Recorro a uma certa aula distante (Antonio Candido) onde aprendi que num texto literário há sempre três elementos: a ideia, o enredo e a personagem. A personagem, que pode ser aparente ou inaparente, não importa. Que pode ser única ou se repetir, tive uma personagem que recorreu à máscara para não ser descoberta, quis voltar num outro texto e usou disfarce, assim como faz qualquer ser humano para mudar de identidade.

Na tentativa de reter o questionador, acabo por inventar uma figuração na qual a ideia é representada por uma aranha. A teia dessa aranha seria o enredo. A trama. E a personagem, o inseto que chega naquele voo livre e acaba por cair na teia da qual não consegue fugir, enleado pelos fios grudentos. Então desce (ou sobe) a aranha e nhac! Prende e suga o inseto até abandoná-lo vazio. Oco.

O questionador acha a imagem meio dramática mas divertida, consegui fazê-lo sorrir? Acho que sim. Contudo, há aquele leitor desconfiado, que não se deixou seduzir porque quer ver as personagens em plena liberdade e nessa representação elas estão como que sujeitas a uma destinação. A uma condenação. E cita Jean-Paul Sartre que pregava a liberdade também para as personagens, ah! Odiosa essa fatalidade dos seres humanos (inventados ou não) caminhando para o bem e para o mal. Sem mistura.

Começo a me sentir prisioneira dos próprios fios que fui inventar, melhor voltar às divagações iniciais onde vejo (como eu mesma) o meu próximo também embrulhado. Ou embuçado³? Desembrulhando esse próximo, também vou me revelando e na revelação, me deslumbro para me obumbrar⁴ novamente nesta viragem-voragem do ofício.

¹ palavra latina para "mistério"

² mato abundante de cipós

³ escondido

⁴ cobrir de sombras

(TELLES, Lygia Fagundes. *Durante aquele estranho chá: perdidos e achados*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.)

5. O título do texto de Lygia Fagundes Telles relaciona-se com o processo de construção da narrativa literária.

Nesse sentido, a alternativa que melhor justifica o título "Mysterium" é:

- surpresa da narradora diante do ato de criação
- exploração de ideias contrárias ao longo da narração
- combinação do texto ficcional com referências bíblicas
- predominância de elementos da ficção sobre os da realidade

6.



GALHARDO, Caco. Mirian Poodle. "Folha de S. Paulo", 24 set. 2003, p. E5. [Ilustrada].



GALHARDO, Caco. Mirian Poodle. "Folha de S. Paulo", 3 out. 2003, p. E9. [Ilustrada].

Comparando os aspectos formais presentes em ambas as tiras, constata-se

- o uso reiterado de onomatopeias.
- a repetição de cenas como marcação de tempo.
- a variação de planos no desenrolar da ação.
- o traço realista na representação das personagens.
- o emprego de balões como indicação de monólogo.

7. O jivaro

Um Sr. Matter, que fez uma viagem de exploração à América do Sul, conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro, desses que sabem reduzir a cabeça de um morto até ela ficar bem pequenina. Queria assistir a uma dessas operações, e o índio lhe disse que exatamente ele tinha contas a acertar com um inimigo.

O Sr. Matter:

- Não, não! Um homem, não. Faça isso com a cabeça de um macaco.

E o índio:

- Por que um macaco? Ele não me fez nenhum mal!

(Rubem Braga)

O assunto de uma crônica pode ser uma experiência pessoal do cronista, uma informação obtida por ele ou um caso imaginário. O modo de apresentar o assunto também varia: pode ser uma descrição objetiva, uma exposição argumentativa ou uma narrativa sugestiva. Quanto à finalidade pretendida, pode-se promover uma reflexão, definir um sentimento ou tão somente provocar o riso.

Na crônica "O jivaro", escrita a partir da reportagem de um jornal, Rubem Braga se vale dos seguintes elementos:

- a) Assunto - caso imaginário
Modo de apresentar - descrição objetiva
Finalidade - provocar o riso
- b) Assunto - informação colhida
Modo de apresentar - narrativa sugestiva
Finalidade - promover reflexão
- c) Assunto - informação colhida
Modo de apresentar - descrição objetiva
Finalidade - definir um sentimento
- d) Assunto - experiência pessoal
Modo de apresentar - narrativa sugestiva
Finalidade - provocar o riso
- e) Assunto - experiência pessoal
Modo de apresentar - exposição argumentativa
Finalidade - promover reflexão

Gabarito

1. Enredo

- Acontecimento: “Foi no parque que ele avistou / Juliana / Foi que ele viu”
- Clímax: “olha a faca! / Olha o sangue na mão - ê, José”
- Ordenação: Linear
- Verossimilhança: Externa

Narrador

3ª pessoa, onisciente (o aluno deve perceber a sondagem psicológica e sentimental do protagonista, realizada a partir do segmento “O espinho da rosa feriu Zé / E o sorvete gelou seu coração”)

Personagens

- Protagonista: José (note-se que o foco do narrador recai sobre seu drama)
- Antagonista: João
- Personagem secundário: Juliana
- A narrativa não é maniqueísta: José e João não representam o Bem e o Mal.
- José é um herói moderno, esférico.

Tempo

- Vale apontar que o ritmo da narrativa entre os versos “O sorvete e a rosa - ô, José e Oi, girando, girando - é vermelha” é lento, já que se trata de uma descrição psicológica, embora o ritmo poético (sonoro, de leitura) seja ágil.
- O tempo é cronológico, com referentes objetivos, principalmente no início do texto.

Espaço

A função dele é predominantemente contextualizadora.

Observações extras:

- Aponte a ironia contida pela oposição do título ao enredo.
- Aproveite a última estrofe para definir o que é DIGRESSÃO, numa narrativa: momentos em que o narrador se desvia da história para refletir sobre ela e/ ou para conversar com o leitor, ou seja, um momento em que o tempo da ação para, mas o do discurso, não
- Marque a presença do elemento “vermelho”, como símbolo do crime passional que vai se realizar.
- Discorra sobre a elipse temporal: não se narra como foi o crime. Da confusão psicológica de José, passa-se ao retrato dos corpos no chão. Isso é coerente com a proposta do narrador de mostrar um crime praticado num momento de alta emoção.
- Mostre que a rosa e o sorvete são metáforas para a ligação amorosa entre João e Juliana.
- Evidencie que, em nenhum momento, o narrador deixa claro se Juliana sabia do amor de José por ela.

2. D

3. C

4. B

5. A

6. C

7. B

Rubem Braga vale-se do relato de um fato publicado em jornal (“conta a um jornal sua conversa com um índio jivaro”) para refletir sobre a pertinência de algumas atitudes humanas, sobretudo no que diz respeito à aplicação da justiça.